

## *Íntegra da fala do diretor da CIPPLOP EGD Paulo Chedid*

Muito bom dia!

Não se trata de uma aula. Não se trata de uma palestra. Se trata talvez de um pouquinho mais de provocação.

Eu tenho dito que quando a gente fala metade escuta e metade não escuta. Da metade que escuta, metade entende, metade não entende. Da metade que entende, metade concorda, metade não concorda. Da metade que concorda, metade lembra, metade não lembra.

O que é que vai ficar conosco depois de hoje?

Quais serão as marcas que esta sessão de trabalho da CIPPLOP, e estamos falando do envolvimento de milhares de pessoas de 8 países, falando 8 culturas, vai deixar em cada um de nós? E aquilo que restar de cada um de nós, o que é que nós vamos fazer com isso?

Se nós fossemos um clínico? Qual seria o nosso diagnóstico?

De um lado, eu vejo um vídeo no qual confessamos os nossos milhões de analfabetos. De outro lado, ouço feliz que ali, em Cabo Verde, não tem analfabeto.

Qual é o nosso diagnóstico? Qual é a nossa realidade? Quais são os nossos males? Quais são as nossas carências? E neste universo, quais são os nossos recursos?

Nós temos uma missão e sei que nós queremos ajudar a resolver as coisas.

Um pouquinho antes deste V Encontro de Rotarianos de Países de Língua Portuguesa, tive o privilégio de conversar com o ex-Diretor

de RI, Carlos Enrique Esperoni, e ele me dizia da dificuldade que temos de erradicar a pólio.

A nossa terrível dificuldade em invadir com a nossa boa vontade algumas regiões onde não se aceita ajuda, por alguma razão, seja ela porque há conflitos, hostilidades, problemas religiosos.

Nós não conseguimos invadir esses lugares para aplicar a vacinação de poliomielite!

E nós começamos a descobrir que não há muitas vezes a possibilidade de terminarmos com algum problema. Alguns dos problemas não são problemas de solução drástica, absoluta. Acabamos tendo de conviver com aquilo permanentemente e administrarmos aqueles problemas.

Vamos distinguir aquilo que é urgente, daquilo que é importante e, sem dúvida, uma daquelas alternativas passa pela palavra mais falada hoje de manhã pelo nosso Presidente de RI Dong K. Lee.

Ele falou pouco. Ele foi gentil. Ele foi muito elegante conosco. Ele repetiu várias vezes uma palavrinha chamada “juntos”. Ele repetiu. Ele insistiu, falando em inglês conosco, no “together”. E aquilo que nós queremos fazer é exatamente isso. Queremos estar juntos.

Para estarmos juntos, temos várias razões. Temos razões que estão vinculadas aos nossos valores, aos nossos princípios, à nossa união de ideais.

Se nós lembrarmos que essa reunião de hoje começou a cento e pouco anos numa noite fria de Chicago, nos Estados Unidos, vamos lembrar que naquela noite se reuniram quatro pessoas. Pouco de nós se dá conta que logo depois daquelas quatro pessoas, duas foram embora.

Paul Harris acabava de perder metade do quadro social do Rotary que nascia. Mas ele continuou com o trabalho. Aquilo prosperou em função daquilo é que nós estamos aqui hoje. Tudo começou porque eles tinham entre si razões profissionais.

E quando hoje, nós que somos pregadores de Rotary, falamos sobre serviços profissionais, nos sentimos um pouco constrangidos. Mas a nossa raiz está ali. Foi ali que tudo começou e prosperamos internacionalmente.

O que eu quero dizer com tudo isso? Quero dizer que nós somos uma instituição de profissionais. Não fôssemos uma instituição de profissionais, talvez, hoje não tivéssemos entre nós as mulheres, que um dia argumentaram: “...este não é um clube de homens? É um clube de profissionais. Já que somos profissionais também podemos participar”.

E como profissionais, e como pessoas envolvidas com aquilo que o meu querido Gunter Pollack (secretário executivo da CIPPLOP) gosta de chamar de empreendedorismo, nós temos caminhos abertos para praticarmos Rotary na sua plenitude em benefício da comunidade.

Nós temos aqui presente um companheiro que, não há muito tempo sofreu um grave risco de vida, está aqui hoje. Por quê? Porque ele sobreviveu, graças a alguns ingredientes.

Primeiro que Deus prestou muita atenção nele. Ele é muito querido lá em cima. Além disso, um grupo de rotarianos se dispôs a suportá-lo, a dar suporte, a ajudá-lo. E ele com aquela fé, com aquela energia, venceu todas as dificuldades.

Todos nós em Rotary temos uma história dessa para contar.

Eu estou falando da área da saúde para mostrar aquilo que nós temos de mais importante. Qual é o nosso verdadeiro produto? que temos com fatura, com sobra à venda, para distribuímos um produto chamado confiança, confiabilidade. Esse é o nosso elemento. Talvez, o mais carente produto nas relações profissionais.

Falta de oportunidade ter relações confiáveis e essa nossa organização nos oferece isso. Se eu, pretendo amanhã abrir alguma coisa, algum negócio em Portugal, a minha primeira iniciativa é desfrutar da maior “Câmara de Comércio” que eu poderia. Eu passo a mão no telefone e ligo para os companheiros Henrique ou Estorninho, aqui presentes, e nós vamos procurar os nossos negócios, porque eu vou receber um suporte confiável.

Nessa nossa relação de confiabilidade não existe ingrediente mais importante que a nossa pregação: a ética. Por que? Porque temos endereço certo. Porque nós nos olhamos nos olhos. Porque nós nos encontramos sempre. Porque nós sabemos onde nos achar.

Nós temos compromisso. Nós vivenciamos constantemente. Muitas vezes nós passamos muito tempo sem nos encontrarmos. Quando nos encontramos, nos encontramos como se nós não tivéssemos nos visto a uns dias, dada a oportunidade que essa extraordinária organização nos oferece.

Nesse momento, tenho um compromisso com vocês. Nós precisamos ser todos motivadores a outros motivadores. Nós temos que lembrar a nossa instituição, aqui no Brasil, aos nossos 55 mil rotarianos, que os nossos negócios podem ir longe e atravessar oceanos, porque vamos ter parceiros. Vamos ter lealdade solidariedade, amigos, competência, dedicação, empenho. Vamos ter gente como a gente, querendo estar junto, querendo fazer junto.

Obrigado!